

CARTA AOS ANCIÃOS – do Papa João Paulo II

De 1º de outubro de 1999

(Alguns tópicos)

Aos meus irmãos e irmãs anciãos!

*“A soma da nossa vida é de setenta anos,
os mais fortes chegam aos oitenta; mas a maior parte deles é fadiga e dor
passam depressa e nós desaparecemos” (Salmo 90[89], 10)*

O dom da vida, apesar de fadiga e dor que a caracteriza, é belo e precioso demais para que dele nos cansemos.

Meu pensamento dirige-se com afeto a vós, caríssimos anciãos de qualquer língua e cultura.

A experiência ensina que até as próprias penas quotidianas, com a graça do Senhor, contribuem freqüentemente para o amadurecimento das pessoas, abrandando-lhes o caráter.

“O tempo foge irremediavelmente”, dizia um antigo poeta latino. O homem está imerso no tempo: nele nasce, vive e morre.

Mas, se a existência de cada um de nós é tão limitada e frágil, conforta-nos o pensamento que, graças à alma espiritual, sobrevivemos à morte. A fé oferece-nos uma “esperança que não confunde”.

A existência humana, apesar de sujeita ao tempo, é colocada por Cristo no horizonte da imortalidade. Ele “fez-se homem entre os homens, para reunir o fim com o princípio, isto é, o homem com Deus”.

O outono da vida

O que é a velhice? Às vezes fala-se dela como do outono da vida.

Há uma estreita semelhança entre o biorritmo do homem e os ciclos da natureza, à qual ele pertence.

Porém, o homem, por sua vez distingue-se de toda a realidade que o circunda, porque é pessoa. Plasmado à imagem e semelhança de Deus, ele é sujeito consciente e responsável.

A velhice é a época privilegiada daquela sabedoria que, em geral, é fruto da experiência, porque “o tempo é um grande mestre”.

“Ensinai-nos a contar os nossos dias, para que guiemos o coração na sabedoria” (Salmo 90 [89], 12).

Os anciãos na Sagrada Escritura

O homem permanece sempre criado à “imagem de Deus” (Gn 1,26), e cada idade possui a sua beleza e missão. A idade avançada encontra na palavra de Deus uma grande consideração, a tal ponto que a longevidade é vista como sinal da benevolência divina (Gn 11,10-32).

(Pessoas idosas mencionadas na Bíblia com grande apreço:

Abraão e Sara – (Gn 12,2-3); Moisés, Tobias, Eleazar (2Macabeus 6,18); Isabel e Zacarias (Lc 1,7); Simeão, Ana (Lc 2,36-37); Nicodemos, Pedro (Jo 21,18).

Moisés já é ancião, quando Deus lhe confia a missão de fazer sair o povo eleito do Egito. As grandes obras que ele realiza a favor de Israel por mandato do Senhor não ocupam os anos da juventude, mas os da velhice.

Em todas as idades, o Senhor pede a cada um para fazer render os próprios talentos. O serviço ao Evangelho não é questão de idade!

O Salmo 92[91], como querendo sintetizar os brilhantes testemunhos dos anciãos que encontramos na Bíblia, proclama: “O justo florescerá como a palmeira, erguer-se-á como os cedros do Líbano. (...) Na velhice darão frutos, conservarão a sua seiva e seu frescor, para anunciar quão é justo o Senhor”.

O apóstolo Paulo escreve a Tito: “Os anciãos devem ser sóbrios, graves, prudentes, firmes na fé, na caridade e na paciência. Do mesmo modo, as anciãs devem mostrar no seu exterior uma compostura santa.

A velhice, à luz do ensinamento e na própria bíblia, apresenta-se como “tempo favorável” para levar a bom termo a aventura humana, e faz parte do desígnio divino a respeito de cada homem como tempo no qual tudo converge, para que ele possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a “sabedoria do coração”.

“Velhice honrada não consiste em ter vida longa, nem é medida pelo número de anos. Os cabelos brancos do homem valem pela sua sabedoria, e a velhice pela sua vida sem manchas” (Sabedoria 4,8-9). A velhice constitui a etapa definitiva da maturidade humana e é expressão da bênção divina.

Guardiões de uma memória coletiva

A velhice também tem de cumprir o seu papel neste processo de progressiva maturação do ser humano a caminho da eternidade.

Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos. Eles são guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória. Os anciãos, graças à sua experiência amadurecida, são capazes de propor aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos.

Sob esta luz, os aspectos de fragilidade humana, ligados de modo mais visível com a velhice, tornam-se uma chamada à interdependência e à necessária solidariedade que ligam entre si as gerações, visto que cada pessoa está necessitada da outra e se enriquece dos dons e dos carismas de todos.

“Honra teu pai e tua mãe”

É o único mandamento ligado a uma promessa: “Honra teu pai e tua mãe, para que os teus dias se prolonguem na terra que o Senhor teu Deus te dará”(Ex 20,12; Dt 5,16).

Onde este preceito é acolhido e fielmente observado, os anciãos sabem que não correm o perigo de ser considerados um peso inútil e incômodo..

O pai e a mãe indicam o passado, o laço entre uma geração e outra, a condição que torna possível a mesma existência de um povo.

“Levanta-te perante uma cabeça branca e honra a pessoa do ancião” (Lv 19,32). Honrar os anciãos exige a seu respeito um tríplice dever: o acolhimento, a assistência, a valorização das suas qualidades.

É preciso convencer-se de que é próprio de uma civilização plenamente humana respeitar e amar os anciãos, para que estes se sintam, apesar da diminuição das forças, parte viva da sociedade.

“O peso da idade é mais leve para quem se sente respeitado e amado pelos jovens” (Cícero).

O espírito humano, mesmo ressentindo-se do envelhecimento do corpo, permanece de certa forma sempre jovem, se viver orientado para o eterno.

Todos conhecemos exemplos eloqüentes de anciãos com uma surpreendente juventude e força de espírito. Possa a sociedade valorizar plenamente os anciãos, que em algumas regiões do mundo são estimados como “bibliotecas vivas” de sabedoria, guardiões de um patrimônio inestimável de testemunhos humanos e espirituais. Se é verdade que do ponto de vista físico, em geral necessitam de ajuda, é igualmente certo que, na sua idade avançada, podem oferecer apoio à caminhada dos jovens que se debruçam sobre o horizonte da existência para provar os rumos.

Enquanto falo aos anciãos, não posso deixar de dirigir-me também aos jovens para convidá-los a permanecerem ao seu lado. Exorto-vos, caros jovens, a fazê-lo com amor e generosidade. Os anciãos podem dar-vos muito mais de quanto possais imaginar. O livro do Eclesiástico adverte: “Não desprezes os ensinamentos dos anciãos, porque eles o aprenderam dos seus pais” (8,9); “Frequenta a companhia dos anciãos, se encontrares algum sábio faze-te amigo dele” (6,34); porque “quão bela é a sabedoria dos anciãos” (25,5).

A comunidade cristã pode receber muito da serena presença dos que têm muitos anos de idade. Em quantas famílias os netinhos recebem dos avós os primeiros rudimentos da fé! Quantos encontram compreensão e conforto em pessoas anciãs sós ou doentes, mas capazes de infundir coragem pelo conselho bondoso, a oração silenciosa, o testemunho do sofrimento acolhido com paciente abandono! Justamente quando as energias vêm a faltar e se reduz a sua capacidade de movimento, estes nossos irmãos e irmãs tornam-se mais preciosos no desígnio misterioso da Providência.

O lugar mais natural para viver a condição de ancianidade continua a ser aquele ambiente onde ele é “de casa”, entre parentes, conhecidos e amigos, e onde pode prestar ainda algum serviço. Na medida que, com o aumento da vida média, cresce a faixa dos anciãos, será sempre mais urgente promover esta cultura de uma ancianidade acolhida e valorizada, não marginalizada. O ideal é que o ancião fique na família, com a garantia de ajudas sociais eficazes, relativamente às necessidades crescentes que supõem a idade ou a doença. Existem, porém, situações em que as próprias circunstâncias aconselham ou exigem o ingresso em “Lares de terceira idade” a fim de que o ancião possa gozar da companhia de outras pessoas e usufruir de uma assistência especializada.

Caríssimos anciãos, que vos encontrais em situações precárias por motivos de saúde ou outros, eu vos acompanho com afeto. Podemos estar certos: Deus é Pai, um Pai rico de amor e de misericórdia!

“Tu me ensinarás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença, e de delícias à tua direita, para sempre” (Salmo 16[15], 11).

Se a vida é uma peregrinação em direção à pátria celestial, a velhice é o tempo no qual se olha mais naturalmente para o limiar da eternidade.

Por mais que a morte seja racionalmente compreensível do ponto de vista biológico, não é possível vivê-la com “naturalidade”. Ela está em contraste com o instinto mais profundo do homem.

Em Cristo, a realidade dramática e desconcertante da morte é resgatada e transformada, até manifestar a face de uma “irmã” que nos conduz aos braços do Pai.

A fé ilumina o mistério da morte e infunde serenidade à velhice, não mais considerada e vivida como espera passiva de um evento destruidor, mas como promissora aproximação à meta da plena maturidade. São anos que hão de ser vividos com um sentido de abandono confiado nas mãos de Deus, Pai providente e misericordioso; um período a ser utilizado de modo criativo, para um aprofundamento da vida espiritual, com a intensificação da oração e do empenho de servir os irmãos na caridade.

Devem ser louvadas todas aquelas iniciativas sociais que permitem aos anciãos quer continuar a cultivarem-se física, intelectual e socialmente, quer fazerem-se úteis, pondo à disposição dos demais o próprio tempo, as próprias capacidades e experiência. Deste modo, conserva-se e aumenta o gosto pela vida, dom fundamental de Deus.

Um auspício de vida

É bonito poder gastar-se até ao fim pela causa do Reino de Deus!

Sinto uma grande paz quando penso no momento em que o Senhor me chamar: de vida em vida!

Ó Senhor da vida, fazei-nos tomar plena consciência e saborear como um dom, rico de futuras promessas, cada período da nossa vida.

Fazei que acolhamos com amor a vossa vontade, pondo-nos cada dia nas vossas mãos misericordiosas.

E quando chegar o momento da “passagem” definitiva, concedei-nos enfrentá-lo com espírito sereno, sem qualquer nostalgia daquilo que deixarmos. Ao encontrar-vos, depois de longa procura, reencontraremos todo o valor autêntico experimentado neste mundo juntamente com todos os que nos precederam no sinal da fé e da esperança.

E Vós, Maria, Mãe da humanidade peregrina, rogai por nós “agora e na hora da nossa morte”. Conservai-nos sempre unidos a Jesus, vosso dileto Filho e nosso irmão, Senhor da vida e da glória.

Amém.